

Ernest Hemingway

VERÃO
PERIGOSO

tradução de
Eduardo Saló

LIVROS DO BRASIL

CAPÍTULO 1

Era estranho voltar de novo a Espanha. Nunca esperara que me permitissem tornar a visitar o país que eu mais amava depois da minha pátria e não o faria enquanto houvesse amigos meus presos. No entanto, na primavera de 1953, em Cuba, conversei com bons amigos que tinham combatido em lados opostos na Guerra Civil Espanhola sobre a possibilidade de passar em Espanha durante a nossa viagem a caminho de África e concordaram que eu podia voltar lá honrosamente se não retirasse nada do que escrevera e evitasse falar de política. Não havia necessidade de requerer visto. Já não era necessário para os turistas americanos.

Em 1953, nenhum dos meus amigos estava preso e tracei planos para levar a minha mulher Mary à feira de Pamplona e depois seguirmos para Madrid a fim de visitarmos o Museu do Prado e, se continuássemos em liberdade, prosseguiríamos em direção a Valência para assistir às corridas de touros, antes de nos metermos no barco para África. Eu sabia que não podia acontecer nada a Mary porque nunca tinha estado em Espanha e só conhecia as pessoas mais irrepreensíveis. Portanto, se estivesse em apuros elas decerto acorreriam em seu auxílio.

Atravessámos Paris rapidamente, rolámos não menos velozmente através da França, via Chartres, Vale do Loire e estrada de Bordéus até Biarritz onde se encontravam várias pessoas à espera para se nos juntarem na nossa passagem a caminho da fronteira. Comemos e bebemos bem e combinámos uma hora para nos reunirmos no nosso hotel em Hendaye Plage e atravessámos a fronteira juntos. Um dos nossos amigos era portador de uma carta do duque Miguel Primo de Rivera, então embaixador de Espanha em Londres, que se esperava operasse milagres se me visse em dificuldades. Isto animou-me vagamente.

Estava um tempo ameaçador e mesmo chuvoso quando chegámos a Hendaia e continuava ameaçador na manhã seguinte o que impediu de ver as montanhas de Espanha devido às nuvens densas e à neblina. Os nossos amigos não apareceram no local combinado. Dei-lhes uma hora e depois mais trinta minutos. Por fim partimos para a fronteira.

O dia persistia carrancudo no posto de controlo. Apresentei os quatro passaportes na Polícia e o inspetor examinou o meu demoradamente sem erguer os olhos. É uma coisa habitual em Espanha mas nunca tranquilizadora.

— É da família do escritor Hemingway? — acabou por perguntar, continuando a não me olhar.

— Somos parentes — admiti.

Folheou o passaporte e observou a fotografia.

— É Hemingway?

Perfilei-me e disse «*A sus ordenes*», o que significa não só às ordens como à disposição de alguém. Eu vira e ouvira dizê-lo em muitas circunstâncias diferentes e estava esperançado em o ter feito agora da maneira apropriada e no tom de voz conveniente.

Fosse como fosse, ele levantou-se, estendeu a mão e declarou:

— Li todos os seus livros e admirei-os sem exceção. Vou carimbar os passaportes e tentar ser-lhe útil na alfândega.

Foi assim que voltámos a Espanha e parecia-me bom de mais para corresponder à realidade. De cada vez que a Guardia Civil nos mandou parar nos três postos de controlo ao longo do rio Bidasoa, eu esperava que nos dessem voz de prisão ou recambiassem para a fronteira. No entanto, os guardas limitaram-se a examinar os passaportes atenta e polidamente e mandar-nos seguir com acenos cordiais. Éramos um casal americano, um italiano jovial, Gianfranco Ivancich do Veneto, e um motorista também italiano de Udine, que se dirigiam a San Fermes, em Pamplona. Gianfranco era um antigo oficial de cavalaria que combatera ao lado de Rommel e nosso amigo íntimo que vivera connosco em Cuba quando trabalhava lá. Trouxera o carro para nos esperar em Le Havre. O condutor Adamo alentava a ambição de se tornar proprietário de uma agência funerária.

Alcançou-a e se o leitor morrer em Udine ele é a pessoa indicada para se ocupar da cerimónia. Nunca ninguém lhe perguntou de que lado da Guerra Civil Espanhola combatera. Para minha paz de espírito, naquela primeira viagem, eu às vezes esperava que tivesse sido dos dois. Seria perfeitamente possível vir a conhecê-lo bem e apreciar a sua versatilidade que era Leonardiana. Poderia combater por um dos lados em obediência aos seus princípios, pelo outro, à sua pátria ou à cidade de Udine, e se houvesse uma terceira facção envolvida poderia sempre lutar pelo seu Deus ou pela Companhia Lancia ou pela Indústria das Agências Funerárias às quais se mostrava igual e profundamente devotado.

Quem gostar de viajar alegremente, e eu gosto, deve fazê-lo com bons italianos. Encontrávamo-nos na companhia de dois excelentes num *Lancia* em condição satisfatória que trepava à estrada de saída do vale do Bidasoa com os castanheiros junto da faixa de rodagem e a neblina a dissipar-se à medida que subíamos, pelo que calculei que se teria extinguido por completo depois do Col de Velate quando desceríamos sinuosamente para o planalto de Navarra.

Este trabalho é acerca de touradas mas não me despertavam então interesse especial à parte o facto de desejar mostrá-las a Gianfranco e Mary. Esta vira Manolete atuar a última vez que aparecera numa arena do México. Era um dia ventoso e couberam-lhe os dois piores touros mas ela gostou da corrida, que foi muito má, e compreendi que se aquela lhe agradara apreciaria as touradas em geral. Diz-se que se uma pessoa consegue manter-se afastada das praças de touros durante um ano o pode fazer para sempre. Não é verdade mas contém algo de verídico e, à exceção das corridas no México, eu permanecera afastado catorze anos. Em todo o caso, uma grande parte desse período foi como se estivesse preso, com a diferença de que tinha sido fechado fora e não dentro.

Eu lera, e amigos de confiança tinham-me falado acerca de alguns abusos que haviam aparecido nas touradas nos anos da dominação de Manolete e seguintes. Para proteger os matadores de nomeada, cortavam as pontas dos cornos dos touros para depois os aguçarem, pelo que não se notava a diferença. Mas as pontas ficavam tão macias como uma unha

cortada pelo sabugo e se fosse possível fazer o animal embater com elas na barreira doer-lhe-iam tanto que tomaria as maiores precauções para não voltar a atingir nada. Obter-se-ia o mesmo efeito ao investir contra a pesada proteção de lona com que então se envolviam os cavalos.

Com o comprimento dos cornos encurtado o touro perdia a noção da distância e o matador corria muito menos perigo de ser colhido. O touro aprende a utilizá-los na herdade durante os quotidianos embates e por vezes lutas vigorosas com os companheiros e vai assim aperfeiçoando o seu uso. Por conseguinte, os apoderados de alguns matadores de primeiro plano, que também tinham a seu cargo outros de menor cartel, tentavam convencer os criadores a produzir aquilo a que nós chamamos meio-touro ou *medio-toro*. Trata-se de um animal com pouco mais de três anos para que não saiba utilizar os cornos muito bem. Para não ser demasiado forte de pernas e menos irredutível perante a muleta, não deve afastar-se muito do pasto para se dessedentar. Para que tenha o peso exigido querem-no alimentado com cereais a fim de que pareça um touro, pese como um touro e invista rapidamente como um touro. Mas na realidade não passa de um meio-touro e o castigo suaviza-o e torna-o tratável e, a menos que o matador o lide com cuidado, acaba por se tornar inofensivo.

Pode ferir ou matar a qualquer momento com uma arremetida repentina ou mesmo um corno despontado. Muitos homens foram feridos por cornos despontados. No entanto, um touro que os tem alterados é pelo menos dez vezes mais fácil de lidar e matar do que aquele que os conserva intactos.

O espectador médio não pode detetar os cornos despontados porque não tem experiência na matéria e não nota a leve aspereza cinzento-clara. Observa as pontas e vê a fina extremidade negra brilhante, sem saber que foi produzida esfregando os cornos com óleo de cárter. Isso proporciona-lhes um melhor brilho do que a graxa às botas mas para um observador experiente torna-se tão fácil de detetar como uma imperfeição num brilhante para um joalheiro e pode distinguir-se de uma distância muito maior.

Os apoderados sem escrúpulos da época de Manolete e dos anos subsequentes eram também com frequência os promotores, ou estavam

ligados a eles e a certos criadores de touros. O ideal para os seus matadores era o meio-touro e muitos criadores concentravam-se em produzi-los em grandes quantidades. Criavam-nos tendo em vista o tamanho para facilitar a velocidade, docilidade e fúria fácil e depois alimentavam-nos com cereais para dar a impressão de pujança física. Não precisavam de se preocupar com os cornos, que podiam ser alterados, e o público que presenciava os milagres possíveis de operar com semelhantes animais — homens que toureavam de costas, voltados para o público e não para o touro, quando este passava velozmente sob as suas axilas; homens que se ajoelhavam diante do feroz animal e pousavam o cotovelo esquerdo na orelha deste e fingiam que falavam ao telefone; homens que acariciavam os cornos e lançavam ao chão a espada e a muleta, enquanto olhavam a assistência como atores de terceira ordem, com o touro imóvel, sangrando e hipnotizado —, esse público que contemplava números de circo supunha que estava em presença de uma nova Era de Ouro da tauromaquia.

Se os apoderados sem escrúpulos tinham de aceitar touros verdadeiros com os cornos inalterados fornecidos por criadores honestos, existia sempre a possibilidade de acontecer alguma coisa aos animais nos corredores escuros e no curro onde eram reunidos depois de sorteados ao meio-dia anterior à corrida. Assim, se tivesse sido visto um touro de olhos brilhantes, firme nas quatro patas no *apartado* (sorteio e distribuição dos animais pelos respetivos compartimentos), e aparecia mais tarde na arena fraco nas pernas posteriores, havia a possibilidade de alguém lhe ter deixado cair uma saca de ração no cachaço. Ou se vagueava pela arena como um sonâmbulo e o matador tinha na sua frente um inimigo desinteressado que se esquecera da finalidade dos cornos que possuía, podia admitir-se a hipótese de lhe terem injetado uma dose substancial de barbitúricos.

Evidentemente que por vezes tinham de lidar um touro verdadeiro de cornos inalterados. Os melhores matadores conseguiam-no mas não gostavam porque envolvia grande perigo. Não obstante, todos o faziam um determinado número de vezes por ano.

Portanto, por várias razões, em particular o facto de me ter afastado do espetáculo, eu perdera grande parte da minha velha inclinação para as

touradas. No entanto, surgira uma nova geração de matadores e estava ansioso por vê-los atuar. Conhecera os pais deles, alguns muito bem, mas depois de uns morrerem e outros cederem ao medo ou outras causas decidira não voltar a incluir um toureiro entre os meus amigos porque sofria muito com eles e por eles quando não podiam enfrentar o touro devido ao medo ou à incapacidade que este provoca.

Naquele ano de 1953 ficámos nos arrabaldes da localidade, em Lecumberri, e cobríamos os quarenta quilómetros até Pamplona, onde chegávamos às seis e meia de cada manhã para assistir à passagem dos touros nas ruas às sete. Localizámos os nossos amigos no hotel de Lecumberri e embrenhámo-nos no habitual frenesim dos sete dias. Após uma semana de festividades ininterruptas conhecíamos uns aos outros razoavelmente e simpatizávamos uns com os outros, ou estávamos convencidos disso, o que significava que fora uma boa *fiesta*. A princípio eu julgara o *Rolls Royce* imaculado do conde de Dudley um pouco pretensioso. Agora considerava-o encantador. Foi assim que as coisas se passaram naquele ano.

Gianfranco incorporara-se numa das quadrilhas de dança e bebida composta por engraxadores e alguns aspirantes a carteiristas, pelo que a sua cama em Lecumberri o via poucas vezes. Criou um pouco de história dormindo na passagem sem vedação pela qual os touros entravam na arena a fim de ter a certeza de que acordaria para o *encierro* e não o perderia como acontecera uma manhã. De facto não o perdeu. Os touros passaram-lhe por cima e todos os componentes da sua quadrilha ficaram muito orgulhosos.

Adamo encontrava-se na praça todas as manhãs e queria que o deixassem matar um touro mas os dirigentes tinham outros planos.

O tempo estava atroz e Mary ficou ensopada durante as corridas e contraiu uma forte constipação com febre que não a largou até Madrid. As corridas não foram particularmente boas à parte um pormenor histórico. Foi a primeira vez que vimos Antonio Ordóñez atuar.

Compreendi que era excepcional desde o primeiro lance longo e lento que executou com a capa. Equivalia a ver todos os grandes capistas, e havia muitos vivos a voltarem a atuar, com a diferença de que ele era melhor. Depois, com a muleta, foi perfeito. Matou bem e sem dificuldades. Observando-o com atenção e espírito crítico pressenti que se tornaria um matador extraordinário se não lhe acontecesse nada. Ignorava então que seria extraordinário independentemente do que lhe acontecesse e aumentar-lhe-iam a coragem e paixão com cada ferimento grave que sofresse.

Eu conhecera o pai Cayetano anos atrás e escrevera um retrato dele e o relato das suas atuações em *O Sol Nasce Sempre (Fiesta)*. Tudo o que se desenrolara na arena naquele livro corresponde à realidade e à maneira como ele atuava. Todos os incidentes fora da praça de touros são imaginados. Ele sempre esteve ao corrente disto e nunca emitiu qualquer protesto.

Ao ver Antonio enfrentar o touro reconheci que possuía todas as características do pai nos seus tempos áureos. Cayetano tinha perfeição técnica absoluta. Sabia dirigir os seus subalternos, os picadores e os bandarilheiros, de modo que toda a abordagem do touro, as três etapas que conduziam à morte, resultava ordenada e ponderada. Antonio era muito melhor, pois cada lance que efetuava com a capa, desde o momento em que o touro surgia, e cada intervenção dos picadores e a colocação de cada vara era tudo inteligentemente dirigido no sentido da preparação do animal para o derradeiro ato da tourada: a sua dominação por meio do pano vermelho da muleta que o prepara para a morte pela espada.

No toureio moderno não basta o touro ser simplesmente dominado pela muleta para poder sucumbir à intervenção da espada. O matador tem de executar uma série de passes clássicos antes de matar, se o touro ainda se encontra em condições de investir. Nesses passes o animal deve passar junto do corpo do matador ao alcance do corno. Quanto mais perto passar em obediência à citação e orientação do homem mais profunda a emoção experimentada pelo espectador. Os passes clássicos são todos extremamente perigosos e o touro deve ser sempre controlado pela flanela vermelha que o matador conserva sobre um pau de um metro de comprimento. Foram inventados muitos passes ardilosos em que é ele que se move junto

do touro e não o inverso, ou aproveita a sua passagem, saudando-o, na realidade, ao passar em vez de controlar e dirigir os movimentos do inimigo. Os mais sensacionais desses passes de saudação efetuam-se com touros que investem em linha reta e o matador consciente de que não existe perigo volta-lhe as costas para iniciar o passe. Poderia enfrentar um elétrico da mesma maneira mas o público adora estes truques.

A primeira vez que vi Antonio Ordóñez compreendi que poderia executar todos os passes clássicos sem simulações, que entendia de touros, que podia matar bem se quisesse e que era um génio com a capa. Apercebi-me de que reunia os três requisitos de um *matador*: coragem, perícia profissional e graciosidade em presença do perigo de morte. Mas quando um amigo mútuo me comunicou, ao abandonarmos a praça de touros no final da corrida, que Antonio desejava que o procurasse no Hotel Yoldi, pensei: «Não comeces outra vez a criar amizades com os toureiros e sobretudo com este pois sabes que é bom e o que perderás se lhe acontecer alguma coisa.»

Por sorte nunca aprendi a escutar os conselhos que dou a mim mesmo ou as advertências dos meus receios. Por conseguinte, ao avistar Jesús Córdoba, toureiro mexicano nascido no Kansas, que fala inglês perfeitamente e me tinha dedicado um touro na véspera, perguntei-lhe onde ficava o Yoldi e ele ofereceu-se para me acompanhar. Jesús Córdoba era um excelente rapaz e um bom e inteligente matador e agradava-me conversar com ele. Separámo-nos à porta do quarto de Ordóñez.

Antonio estava deitado na cama despido, à parte uma toalha de mãos que lhe servia de tanga. Notei os olhos em primeiro lugar, os olhos mais negros, brilhantes e alegres que alguém jamais viu, e o sorriso agarotado, e não pude deixar de me aperceber das cicatrizes na coxa direita. Estendeu a mão esquerda, pois a direita sofrera um corte profundo da espada na segunda morte, e disse:

— Sente-se na cama. Diga-me uma coisa. Sou tão bom como o meu pai?

Fitando aqueles olhos estranhos, o sorriso desaparecido juntamente com qualquer dúvida de que seríamos amigos, afirmei que o considerava melhor que o pai e expliquei como este fora bom. Depois falámos da mão.

Garantiu que a poderia voltar a utilizar na arena dentro de dois dias. O corte era de facto profundo mas não afetara qualquer tendão ou ligamento. Foi efetuado o telefonema que ele pedira para a noiva, Carmen, filha de Dominguíñ, seu apoderado, e irmã do matador Luis Miguel Dominguíñ, e afastei-me discretamente do aparelho. No final da conversa, despedi-me depois de combinarmos encontrar-nos em El Rey Noble com Mary. Desde então, temos sido amigos.

Quando vimos Antonio atuar pela primeira vez, Luis Miguel Dominguíñ já tinha abandonado a atividade. Conhecemo-lo em Villa Paz, a herdade que ele acabara de comprar perto de Saelices, na estrada de Madrid para Valência. Eu conhecia o pai de Miguel desde longa data. Fora um bom matador numa época em que havia dois de grande nomeada, e mais tarde um homem de negócios muito competente e astuto, descobrira e tornara-se apoderado de Domingo Ortega. Dominguíñ e a mulher tinham cinco filhos, três rapazes e duas raparigas. Eles haviam sido todos matadores. Luis Miguel revelara-se dócil e talentoso em tudo, era um grande bandarilheiro e aquilo a que os espanhóis chamam um *torero muy largo*, ou seja, possuía um extenso repertório de passes e truques elegantes, e podia fazer tudo com um touro e matar tão bem como lhe aprouvesse.

Foi Dominguíñ, o pai, que nos convidou para visitar Luis Miguel na sua nova herdade e almoçar na nossa viagem para Valência. Mary, Juanito Quintana, um velho amigo de Pamplona, que foi o modelo do hoteleiro Montoya de *O Sol Nasce Sempre (Fiesta)*, e eu entrámos na casa fresca mergulhada na penumbra depois de suportarmos o calor de julho de Castela Nova com o vento quente de África soprando as palhas dos campos da debulha ao longo da estrada. Luis Miguel era um homem bem-parecido, moreno, alto, sem ancas, apenas ligeiramente longo de mais no pescoço para um toureiro, com expressão grave, maliciosa, que variava do desdém profissional ao sorriso fácil. Antonio Ordóñez estava presente com Carmen, irmã mais nova de Luis Miguel. Era muito morena e bonita, com rosto admirável e bela compleição física. Estava noiva de Antonio com o qual

deveria casar naquele outono e via-se sem dificuldade, em tudo o que faziam e diziam, como se amavam.

Inspecionámos os animais, a criação e os estábulos e a sala de armas e entrei na jaula de um lobo que tinha sido capturado recentemente no local e brinquei com ele o que agradou a Antonio. O lobo parecia saudável e tudo indicava que não sofria de hidrofobia, pelo que calculei que a única coisa que podia fazer era morder, e por isso não vi inconveniente em entrar para verificar se podia trabalhar com ele. O lobo era muito manso e reconhecia alguém que gostava de lobos.

Contemplámos a nova piscina que ainda não tinha sido cheia, e admirámos a estátua de bronze em tamanho natural de Luis Miguel, coisa rara para um homem ter na sua própria *finca* ainda em vida, e pensei que ele tinha melhor aspeto do que a estátua embora esta parecesse um pouco mais nobre. Mas é difícil um homem competir com a sua própria estátua de bronze na sua residência.

Quando tornei a ver Miguel foi em Madrid em maio de 1954, depois do nosso regresso de África. Procurou-nos no quarto do Palace Hotel aonde toda a gente acudira após uma corrida particularmente má num dia de chuva e vento forte. O quarto estava cheio de gente e copos e fumo e demasiados comentários acerca de uma coisa que seria preferível esquecer e Miguel tinha mesmo mau aspeto. Quando se encontra no seu melhor, parece uma combinação de Don Juan e Hamlet bem-humorado, mas naquela tarde ruidosa apresentava-se circunspecto, acabrunhado e cansado.

Apesar de continuar na inatividade, Miguel estava a pensar em participar em algumas corridas em França e eu desloquei-me ao campo com ele um par de vezes em direção ao Escorial à sombra do Guadarrama enquanto se treinava com as jovens vacas de lide para ver de quanto tempo necessitaria para recuperar a forma e voltar a atuar na arena. Gostava de o ver trabalhar e do afinco com que o fazia, sem descansar nem poupar-se e da maneira como, quando começava a fatigar-se ou a ficar sem fôlego,

redobrava de esforços até que era o animal que ficava exausto. Depois passava a trabalhar com outro, o suor brotando-lhe com abundância e respirando pesadamente para recobrar o alento enquanto aguardava a entrada do animal seguinte. Eu admirava-lhe a graciosidade, a facilidade, o *toreo* ou a forma como trabalhava com os touros baseada nas suas faculdades físicas, pernas maravilhosas, reflexos, impressionante repertório de passes e conhecimentos enciclopédicos dos touros. Constituíam um profundo prazer vê-lo atuar e o campo estava bonito na primavera após o final da época das chuvas. Havia apenas um óbice pela parte que me tocava. O seu estilo não me emocionava absolutamente nada.

Não gostava da maneira como utilizava a capa. A minha boa estrela permitira que visse atuar todos os grandes capistas desde o início do toureio moderno com Belmonte e mesmo no campo era-me possível determinar que Luis Miguel não figurava entre eles. No entanto isso não passava de um pormenor e a sua companhia agradava-me profundamente. Ele tinha um humor sarcástico e revelava-se muito cínico e aprendi muitas coisas a seu lado quando permaneceu algum tempo connosco na Finca, em Cuba. Tínhamos longas conversas todos os dias em volta da piscina depois de eu terminar o trabalho. Na altura Luis Miguel não tencionava regressar às arenas e um dia pensava tornar-se numa coisa e no seguinte noutra. Costumava sair à noite com Agustín de Foxá, poeta espanhol que exercia as funções de secretário na embaixada espanhola. Este último desfrutava extremamente da vida e, durante o seu período Foxá, quando Luis Miguel e o nosso motorista Juan regressavam à Finca pouco antes ou depois do romper do dia, o matador encarava seriamente a possibilidade de enveredar pela vida diplomática.

Também considerava a hipótese de se dedicar às letras. Creio que o seu raciocínio obedecia mais ou menos ao seguinte rumo: se Ernesto pode escrever deve ser fácil. Expliquei-lhe que não apresentava dificuldade especial desde que escrevesse bem e mostrei-lhe como procedia. Assim, durante dois dias, entretivemo-nos a escrever de manhã e ao meio-dia ele levava para a piscina o resultado dos seus esforços.

Miguel era um companheiro maravilhoso, um convidado perfeito, e

revelou-me algumas das coisas mais levadas da breca que eu jamais ouvi acerca da vida e do meio tauromáquico.

Foi um dos elementos que tornou a campanha de 1959 tão terrível. Se Luis Miguel fosse um inimigo e não meu amigo e irmão de Carmen e cunhado de Antonio teria sido fácil. Fácil talvez não, mas só me preocuparia como ser humano.